

**CIDADANIA NA CIDADE: RECONHECENDO E ARTICULANDO CONCEPÇÕES DE ALUNOS DE 4º E 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE DUAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE GARANHUNS - PE<sup>1</sup>**

**Aline Micaela Duque Costa**

Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns

[aline\\_duquecosta@hotmail.com](mailto:aline_duquecosta@hotmail.com)

**Resumo:** Esse estudo pretende discutir a compreensão e a concepção que vêm sendo construídas por alunos de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental de duas escolas da rede pública municipal da cidade de Garanhuns-PE. Tivemos como método a pesquisa etnográfica de abordagem qualitativa, com a qual pudemos fazer observação nas turmas, realizar entrevistas com alunos e intervir pedagogicamente resultando em produções de desenhos e escritas feitas pelos discentes. No estudo, estamos contribuindo para acrescentar referenciais e impulsionar um novo agir e uma nova prática escolares que ampliem a leitura e interpretação do mundo e a formação do aprendiz/aluno enquanto ser social, crítico, ativo e criativo em sua relação com o mundo/lugar. Chegamos à conclusão de que os alunos constroem e mantêm em construção as suas perspectivas de sociedade e de práticas sociais, porém, identificamos ainda, forte influência midiática e reprodutiva daquilo que as professoras discutem e repetem em sala de aula.

**Palavras-chave:** Cidade/cidadania. Conscientização. Criticização.

**CITIZENSHIP IN THE CITY: ACKNOWLEDGING AND ARTICULATING CONCEPTIONS OF 4TH AND 5TH GRADE ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS FROM TWO MUNICIPAL SCHOOLS IN GARANHUNS - PE**

**Abstract:** This study intends to discuss the understanding and the conception that have been constructed by students of 4th and 5th grade Elementary School from two municipal public schools in the city in Garanhuns-PE. We had as method the research qualitative, with which we could observe in the classes, conduct interview with the students and intervene pedagogically resulting in productions of drawings and writings made by the students. In the study, we are contributing to append references and boost a new attitude and a new school practice that broadens reading and interpretation of the world and to the formation of the apprentice/student as a social being, critical, active and creative in their relationship with the world/place. We come to the conclusion that students construct and maintain under construction perspectives of society and social practices, however, yet we still identify a strong influence of the media of what the teachers discuss and repeat in the classroom.

**Keywords:** City/citizenship. Awareness. Criticality.

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso da autora defendido em 2016.1 e, também, de pesquisas realizadas por dois anos como bolsista do PIBIC 2014/2015 e 2015/2016.

## **INTRODUÇÃO**

Na perspectiva de conhecer e compreender os espaços de vivências desde a idade escolar, nos propomos a ouvir os discentes de duas escolas municipais da cidade de Garanhuns-PE, sendo duas turmas por instituição: 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. Foram seis observações em cada turma totalizando em 24 visitas às escolas. Diante disso, partimos do seguinte questionamento: quais conceitos e leituras sobre a cidade e o cidadão estão presentes nas atividades cotidianas dos educandos e como a “cidade” aparece em seus diferentes discursos?

Com o desejo de encontrar resposta às nossas perguntas de pesquisa, objetivamos analisar como as temáticas sobre a cidade e o cidadão, presentes nas práticas pedagógicas e nos saberes discentes, em turmas de 4º e 5º anos do ensino fundamental, no município de Garanhuns/PE, contribuem para a construção de espaços e ações de cidadania. Como pesquisa etnográfica de abordagem qualitativa, adotamos a observação, entrevistas semiestruturadas, a intervenção pedagógica no levantamento dos dados, informações empíricas e, tampouco, na ação pedagógica com os discentes.

A partir de nosso propósito de analisar o trabalho como a construção de concepções sobre a cidade pode tornar o exercício de cidadania mais efetivo, estamos em busca de compreensões sobre o empírico, sobre o estudo conceitual e sobre em que medida estes dois unem-se e dão sentido às concepções a serem construídas pelos alunos resultando em suas práticas sociais.

### **1. A PRINCÍPIO, UMA DISCUSSÃO SOBRE COMO A CIDADE E A CIDADANIA SE INSEREM NA ESCOLA**

Para podermos iniciar o nosso propósito em discutir as concepções dos alunos pesquisados a respeito do tema em questão, consideramos importante, a princípio, estudar os conceitos que envolvem essa problemática, além de compreender como a cidade e a cidadania estão envolvidas com o espaço escolar, lugar este tido como a fonte da nossa pesquisa.

Portanto, partiremos de uma reflexão, baseada em alguns autores, sobre a escola e sobre como esta concebe e promove o exercício de cidadania na cidade.

Para que os indivíduos construam concepções a respeito de práticas de cidadania e se reconheçam também vivos nesse processo, consideramos o entendimento sobre a cidade em seu espaço urbano – onde se encontra o foco da movimentação constante dos sujeitos no exercício do trabalho, do lazer, etc. – o melhor caminho para a compreensão sobre o espaço e suas manifestações.

O espaço urbano, enquanto lugar de movimento, atuação e construção, enquanto ambiente que é movido e configurado pela prática humana, ele socializa e promove os encontros e o exercício da cidadania na sua mais plena subjetividade. Não se pode pensar em cidadania sem pensar, tampouco, naquele que a exerce: o cidadão. É através dele que tal exercício ganha ou não significado e representatividade. Partindo disto, também não se pode pensar no cidadão e em sua prática sem pensar, também, no lugar onde ele atua e constrói a sua identidade. É neste espaço que as práticas, que as reclamações sobre os direitos e o cumprimento dos deveres serão executados: a cidade. Daí o nosso recorte para o espaço urbano ao reconhecermos este como o lugar de maior manifestação dos sujeitos.

Ainda que a Constituição Federal de 1988 afirme a educação como uma finalidade de dever da família, da sociedade e da escola, consideramos que esta última continua a ser o ambiente com maior base e fundamento para o fim de proceder uma educação responsável pela formação conteudista para a preparação do trabalho e pela formação humana voltada para a construção de cidadania:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

A escola é o ambiente de formação e transformação dos sujeitos, responsável pela qualificação educativa de cada discente e lugar de promoção do conhecimento, de sociabilidade, integração e colaboração. Sem esta, uma instituição não sobrevive e não atinge o seu fim de socialização. É nesse sentido que cada escola, em sua subjetividade, exige e apreende suas necessidades particulares de ensino na formação e no processo educativo de

cada um dos entes que fazem esse espaço, sejam eles os alunos, os funcionários no geral ou a própria comunidade.

A cidade, assim tida como um lugar de produção do cidadão, se estabelece por si mesma como espaço dividido excluindo ou incluindo as pessoas que fazem parte dessa mesma sociedade. Para Glória Alves,

Consumir a cidade significa em primeira instância produzi-la. Como um produto muito especial, a cidade é a materialização do trabalho humano, de uma sociedade, que no nosso caso se revela estratificada, o que leva a especialização de espaços para camadas específicas da população. A não consciência do homem enquanto produtor da cidade permite sua apropriação por apenas alguns, legitimando o processo de marginalização da maior parte da população (2015, p.140).

Assim, nos propomos aqui a conhecer a concepção dos alunos a respeito da cidade e as suas manifestações. É na infância que esse espaço se apresenta às crianças e estas iniciam o seu processo de compreensão do lugar onde vivem, começando por seu lugar de vivência e se alastrando, no decorrer do tempo, por ideias construídas a respeito de outros lugares que talvez até nunca tenham conhecido. Sendo aqui observados e escutados alunos de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental da rede pública municipal, serão eles sujeitos que compreendem as diferenças locais, sociais, de relação de poder, de divisão de classes, existentes na mesma cidade onde vivem? Essa questão inquieta-nos, visto que o reconhecimento sobre o espaço onde vivem é o início para a autoconstrução no exercício de cidadania.

Para a mesma autora acima citada, “O fenômeno urbano tende a se generalizar como uma realidade global e é composto de conhecimentos e relações que se apresentam fragmentados, dificultando o entendimento do processo enquanto uma totalidade” (Alves, 2015, p.135). Nos atentamos, portanto, a essa causa, às concepções congeladas que permanecem e sobrevivem ao tempo e às próprias mudanças vividas na prática. Estivemos voltadas para o que pensam esses alunos e a maneira de como enxergam a cidade e, não menos importante, como se enxergam nela.

Quando nos referimos aqui aos alunos como sujeitos, estamos compreendendo-os como cidadãos em constante formação, seres que pensam, refletem e buscam pelo conhecimento sobre o outro e sobre si mesmos, sobre pessoas que devem receber uma

educação que o preparem para o exercício de cidadania deixando delineados os direitos e deveres – o que os pertence e as responsabilidades – de um cidadão. Para Pequeno,

O sujeito se revela, portanto, como uma pessoa que existe no tempo e no espaço, dotada de pensamentos, percepções, sentimentos, desejos e motivações, cuja existência encontra na convivência com o outro as suas condições fundamentais de realização. Surge nessa mesma perspectiva, a noção de pessoa humana, instância capaz de vontade livre e de responsabilidade (2007, p.189).

Portanto, é nessa instância que se estabelece a compreensão sobre o cumprimento dos deveres e a conquista dos direitos individuais e coletivos. Voltando-se para os alunos em questão, estes compreendem esse movimento cíclico do cidadão que é dotado de responsabilidades e, através delas, atua e conquista os seus direitos, inclusive, da vontade livre? E, dentro da compreensão, serão eles sujeitos que enxergam os direitos e deveres de forma equilibrada e justa à toda sociedade? Suas respostas serão reflexões ou reproduções de um sistema midiático-cultural que propaga discursos prontos na população? Levamos estes questionamentos para além de meras perguntas ao considerarmos os aspectos preocupantes numa sociedade em que a cidadania é mutilada, assim como afirma Santos em *O Espaço do Cidadão* onde defende que

Mais do que um direito à cidade, o que está em jogo é o direito a obter da sociedade aqueles bens e serviços mínimos, sem os quais a existência não é digna. Esses bens e serviços constituem um encargo da sociedade, através das instâncias do governo, e são devidos a todos. Sem isso, não se dirá que existe o cidadão (2007, p. 129).

Assim, nessa perspectiva, o que constitui um cidadão ultrapassa a ideia do direito à cidade e atinge os bens que esta deve oferecer para tornar prática a cidadania dos sujeitos que, por sua vez, conquistam estes bens a partir do cumprimento dos seus deveres. Na teoria, isto parece simples, mas a prática gera o caos que provoca a divisão de classes e coloca uma população inferior à outra causando, ainda, um preconceito que impregna a cultura dos lugares. As turmas de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental devem tornar cada vez mais maduro esse tipo de reflexão sobre a sociedade onde tais alunos atuam, vivem e ajudam a fazê-la, construí-la, avolumá-la e consumi-la.

Estes alunos, então, só se postam frente aos fenômenos sócio-político-culturais a partir da tomada de consciência cidadã, da reflexão que se inicia na produção do saber sobre o

próprio espaço de vivência e, desde então, outros espaços. À medida que se promove a liberdade de pensamento, de vontades e da realização de práticas voltadas para a socialização dos sujeitos quando, aí, se configuram a interação dos indivíduos e do saber sobre o outro, a outra cultura, a outra religião, a outra etnia, etc., dá-se início à autoconscientização.

É importante ressaltarmos aqui que, quando falamos de conscientização, estamos nos referindo a uma perspectiva freireana a qual compreende esse termo como processo de criticização na relação consciência-mundo, a qual torna o sujeito alguém que contribui com o fazer-refazer da sociedade e que também faz e refaz a si próprio, como afirma Freitas (2010) no Dicionário de Paulo Freire.

O sujeito, ao construir a consciência da cidadania e passar a compreendê-la em suas práticas cotidianas, necessita, portanto, do espaço social a fim de exercê-la. Para Damiani,

O cidadão se definiria como tal, quando vivesse a condição de seu espaço enquanto espaço social, reconhecendo sua produção e se reconhecendo nela. É infracidadão aquele que não se reconhece em sua obra e vivência, de forma totalmente alienada, suas relações humanas, sendo seu espaço vivido reduzido ao espaço geométrico (2015, p. 52).

Espaço este, portanto, de significação reduzida, onde a vida se torna medíocre e, as práticas, mecanizadas e mutiladas pelo conformismo. O espaço se torna, então, o lugar de referência dos indivíduos ao qual estes encontrarão uma representatividade concreta e abstrata. Concreta porque estabelecida e vivenciada pelos sujeitos todos os dias, e abstrata à medida que estes dão seus significados particulares a essas vivências e se relacionam, também, de forma única e peculiar através de suas próprias reflexões.

A busca pela emancipação social tendo por base a igualdade de direitos em grupos sociais diferentes se configura, no mínimo, numa busca pela diversidade, pois, impossível é pensar de forma homogênea quando aqui tratamos de seres humanos, mutáveis e derivantes dos espaços onde vivem e por onde passaram. Boaventura de Sousa Santos reconhece a complexidade dessa emancipação social quando afirma:

(...) tenho em vista, de um modo mais geral, situações nas quais se procura uma inclusão minimamente dignificante e onde, em consequência, é difícil encarar a emancipação social – mesmo na sua concepção mais fina e frágil – como uma perspectiva razoável. Muitas vezes, o que está em jogo é a sobrevivência pura e

simples, já que a morte é, objectivamente, o destino mais provável e mais próximo. De uma perspectiva cosmopolita, o direito é uma necessidade quase dilemática das lutas em torno da não-cidadania (2004, p. 62).

Pensar essa problemática no âmbito da educação escolar é também pensar no respeito à diversidade de contextos sociais que há nela. A luta pelo autoconhecimento, pela aceitação no espaço social, pela conquista de direitos tão vivenciada no âmbito escolar está em torno da não-cidadania e da negação de ser cidadão. A esse respeito, Milton Santos (2007) afirma a cidadania como algo a ser conquistado pelos sujeitos. Lançamos ao leitor, assim, algo a refletir: até que ponto as instituições de ensino negam a cidadania em seus espaços de forma percebida ou não?

Freire já declarava na década de 1960 uma preocupação voltada para uma educação que estivesse atenta à formação humana e consistente na emancipação dos sujeitos na sociedade. Resumindo, numa educação intenta a formar pensadores sociais:

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispuesse a constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos (FREIRE, 1967, p. 90).

É nesse sentido que a educação escolar se declara como grande responsável pela emancipação dos sujeitos. É no âmbito educacional que as relações sócio-culturais se iniciam nos indivíduos, pois é este espaço que oferece as primeiras experiências de sociabilidade, de interação social e faz daqueles alunos, cidadãos. A instituição de ensino que esteja amplamente preocupada com a formação conteudista (também importante no processo de construção de conhecimentos dos alunos), corre um sério risco de formar cidadãos mutilados interessados somente no mercado de trabalho e numa vida mecânica e regulada pelo sistema capitalista sem, sequer, pensar sobre as suas próprias relações sociais.

## 2. CONCEPÇÕES DOS ALUNOS SOBRE A CIDADE E AS PRÁTICAS DE CIDADANIA

A criança inicia o processo de construção do conceito de cidade partindo do seu espaço de vivência. Ela passa a conceber a noção de espaço, qualquer que seja ele, vivenciando-o, fazendo parte e dele participando. Ao pensar a construção da concepção de cidade no espaço escolar, nos reportamos ao conhecimento disciplinar da Geografia que, na prática pedagógica, deveria atentar para a permanente articulação entre espaço vivido e concebido nos manuais didáticos. Ratificamos essa ideia com base nas reflexões de Cavalcanti ao afirmar que:

[...] no encontro/confronto da dimensão do espaço vivido pelos alunos, com a dimensão do espaço concebido [...] se tem a possibilidade de reelaboração e maior compreensão do vivido, pela internalização consciente do concebido. Esse entendimento implica ter como dimensão do conhecimento geográfico o espaço vivido, ou a geografia vivenciada cotidianamente na prática social dos alunos (2005, p. 201).

Ou seja, é no cotidiano que as relações pessoais acontecem e a partir da reflexão sobre o lugar, à participação crítica e dialógica dos sujeitos que podemos dar vida ao processo de construção de cidadania, à conscientização de ser no mundo/lugar. É nessa concepção que se instala a prática social.

Escolhemos para o nosso estudo, analisar a concepção dos alunos quanto aos seus espaços de vivências, através de produções de escritas e desenhos. Consideramos o desenho uma forma de compreender melhor a visão dos alunos já que estes costumam sentirem-se mais à vontade para se expressar através dessas produções. No caso da escrita, esta foi um critério a mais para que o aluno que não soubesse se expressar, naquele contexto, através de desenho, pudesse optar pelo texto. Para a autora citada abaixo,

[...] as percepções e representações dos alunos sobre seu meio sociocultural vêm carregadas de significados que expressam o modo de eles apreenderem a realidade. É indispensável acrescentar, entretanto, que esse modo, muitas vezes, associa-se a explicações vinculadas ao complexo campo da ideologia (KIMURA, 2008, p. 133).

Ideologia esta que advém dos lares dessas crianças, dos lugares onde frequentam incluindo aí, a escola, e também da mídia que fortalece ideologias não só em crianças, mas em toda sociedade. As concepções vão sendo formadas, portanto, a partir das vivências e experiências sociais dessas crianças e, através destas, é necessário que haja reflexão a respeito daquilo que se vive, se experimenta, se imagina e, por fim, se concebe. Para Ângela Katuta

As representações do espaço vivido, percebido, imaginado e concebido são expressões de diferentes modos de pensar e portanto, viver, perceber, imaginar e conceber os diversos territórios que fazem parte de nossa vida cotidiana. Essas, podem ser explicitadas a partir de diferentes linguagens como a artística (nas suas diferentes modalidades), a escrita, oral, gráfica, cartográfica entre outras (2001, p. 179).

A concepção dos alunos é indissociável da prática pedagógica e, por esta razão, é inviável dispensar uma análise sobre o trabalho de mediação de ensino na sala de aula. Sabe-se que muito da aprendizagem extraescolar é, também, construção do que se é trabalhado dentro do espaço escolar e que o professor exerce um papel fundamental na formação humana de seus discentes. Diante disto, é fundamental que o docente esteja atento à heterogeneidade presente na sua turma de alunos e não permita que essa diversidade seja podada pelo ensino homogeneizador, centralizador, que enxerga os aprendizes de forma generalizada; pelo contrário, o propósito é apontar para a pluralidade como oportunidade de aprendizagem sobre as diversas formas de conceber o mundo e trabalhar de forma a promover a troca de experiências a partir da interação nesse espaço.

## **2.1. COMO OS ALUNOS DISCUTEM A CIDADANIA NA CIDADE**

Neste item, abordaremos as nossas observações, entrevistas e aplicação de questionário com os alunos dentro da perspectiva de compreender e analisar a concepção desses discentes sobre cidade/cidadania e como se tem dado o processo de conscientização a respeito dessa temática.

Nesse sentido foi possível notar nas observações algumas atitudes de valores dos discentes. Portanto, de acordo com a parte mais prática da nossa pesquisa, foi observado que os alunos entendem esses valores tão discutidos aqui e essas concepções de cidadania mais na

prática diária do que em teoria. Isso é importante como primeiro passo, porém, é necessário que os discentes iniciem o processo de conscientização social e autoconscientização a respeito de seus atos e do que representam para a sociedade. É devido às atitudes conscientes que as transformações acontecem e é através do compromisso das famílias e da escola que essa formação se concretiza.

A oportunidade de poder ampliar as visitas às turmas das escolas possibilitou-nos ter uma visão mais minuciosa a respeito dessas realidades observadas e contribuiu com uma compreensão mais apurada sobre esses contextos escolares. Com um tempo maior para isto, foi possível conhecer melhor os alunos com base em suas produções textuais e de desenhos – que mais adiante serão apresentadas. Essa prática é considerada por Cavalcanti (2010) quando ela afirma que

O desenho, nesse caso, é revelador de aprendizagens porque permite e exige escolhas que mostram um quadro geral da concepção geográfica. Quando o aluno desenha, ou elabora um mapa mental, ele escolhe, seleciona elementos da realidade, local/global, faz abstração, expressando assimilação de conhecimentos nem sempre passíveis de expressão verbal (2010, p. 9).

Daí a importância dos desenhos, a abertura que é dada para uma estruturação de pensamento a ser expressada que, por vezes, é melhor esclarecida do que de forma oral. A apresentação de slides foi, em seu maior objetivo, uma maneira de criar discussões nas salas de aula fazendo com que fosse mais ouvido o discurso dos alunos além de conhecermos a leitura que fazem a respeito do tema da nossa pesquisa. Os slides eram dotados de imagens da cidade local das escolas (Garanhuns-PE) e organizados de maneira a gerar curiosidade nos alunos fazendo-os questionarem mais e falarem sobre o que sabiam. Pela primeira vez, durante todo o decorrer da pesquisa, chegamos ao momento em que ouvimos com mais clareza as ideias dos alunos, que ouvimos mais as suas vozes fazendo-nos compreender as suas ideias sobre o tema.

Ao sabermos que conhecer a história da cidade ajuda na compreensão do que ela é em si e sobre a cidadania que se espera para nela ser atuada, também chegamos a nos utilizarmos de imagens antigas promovendo uma discussão sobre as diferenças notadas no decorrer do tempo, sobre o porquê de essas diferenças terem ocorrido e em quê e como houve a

intervenção do homem nesse processo de mudança. Dessa forma, mais uma vez ressaltamos Cavalcanti que frisa essa prática de estudar o lugar como um caminho para a compreensão dos conteúdos a serem estudados:

O lugar deve ser referência constante, levando ao diálogo com os temas, mediando a interlocução e a problematização necessária à colocação do aluno como sujeito do processo. Ao estudar o lugar, pode-se atribuir maior sentido ao que é estudado, permitindo que se façam relações entre a realidade e os conteúdos escolares (2010, p. 6).

Ao falarmos da cidade, as crianças além de se identificarem com aquele conteúdo, também se reconhecem como seres necessários nele e fazem do ensino algo mais espontâneo, didático e participativo. O sentimento de propriedade pelo o que está sendo apresentado fez os discentes se manifestarem com maior facilidade.

Nas quatro turmas observadas, foi forte a percepção de que os alunos respondiam às perguntas e faziam seus comentários sempre em relação aos assuntos atuais da cidade. Visto que recentemente os professores do município entraram em greve e que a cidade, atualmente, está com boa parte de suas ruas sendo saneada e asfaltada, os alunos se expressavam sempre em relação a essas questões.

Comentários como, por exemplo: “as pessoas protestam igual aos professores fizeram, pra reclamar das coisas, do salário, pra reclamar do que tá errado” (Aluno, 5º ano, escola 2); “Na cidade tem lugares feios, que o prefeito não asfaltou” (Aluno, 4º ano, escola 2); “tem que morar numa rua boa, calçada, sem buraco” (Aluno, 5º ano, escola 1); “o cidadão tem o direito de reclamar os seus direitos, de reclamar das coisas que estão erradas” (Aluno, 4º ano, escola 1). Nesse sentido, os alunos tinham assuntos em comum ainda que nem se conhecessem. Isso nos leva a entender que estes estudantes discutem os assuntos atuais da cidade na escola, em seus lares ou em ambos.

Construindo, então, a noção do espaço de vivência em sua totalidade reconhecendo-o como ambiente de sociabilidade, de relações humanas e do homem com a natureza, instala-se concepções peculiares com relação aos olhares envoltos àquele mesmo espaço. Isto é, o aluno que vive e sente o seu cotidiano dentro do espaço escolar, concebe o exercício de cidadania

como princípio de sua vida social ao compreender que suas atitudes resultam em consequências individuais e coletivas.

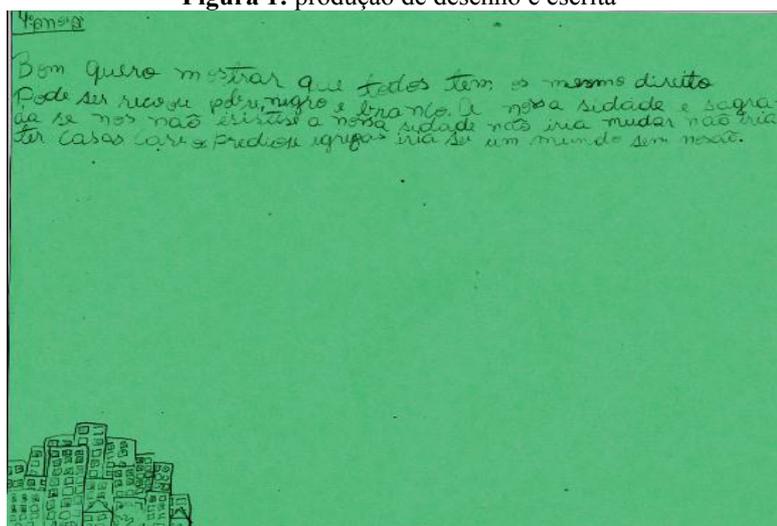
## 2.2. CIDADANIA NA CIDADE: O DESENHO COMO FORMA DE EXPRESSÃO

Neste item, nos propomos a fazer uma análise com possíveis interpretações a respeito das produções dos alunos com base na reflexão das leituras acima comentadas e discutidas que, por sua vez, colaboram com nossas interpretações/considerações sobre como os alunos concebem a cidade e a cidadania. Após a apresentação dos slides e a discussão provocada em sala de aula, foi solicitado aos discentes que produzissem desenhos e/ou escritas que representassem tal discussão que acabara de ocorrer (o que é cidade? O que é cidadania? O que é cidadão?).

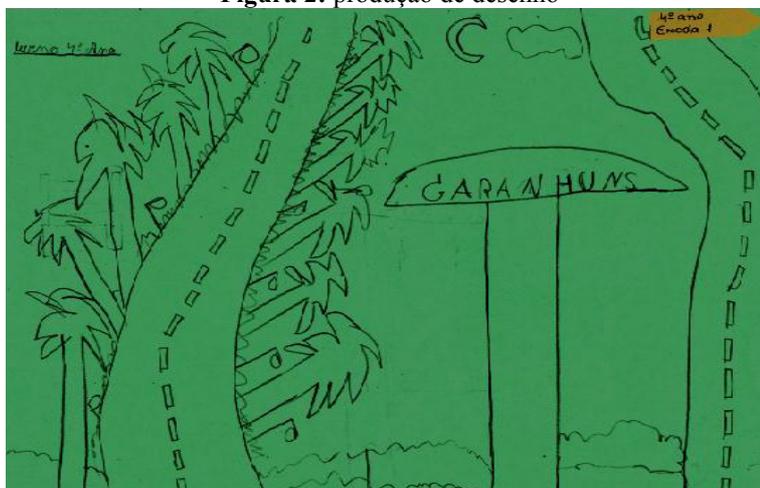
Abaixo estão dispostas 3 produções por turma, totalizando em 12 alunos. A escolha deu-se no sentido de apresentar as produções que mais se encaixavam com as demais descrições da maioria da sala de aula, que representavam mais a visão da maioria da turma.

Os alunos do 4º ano da Escola 1 produziram desenhos e escritas da seguinte forma:

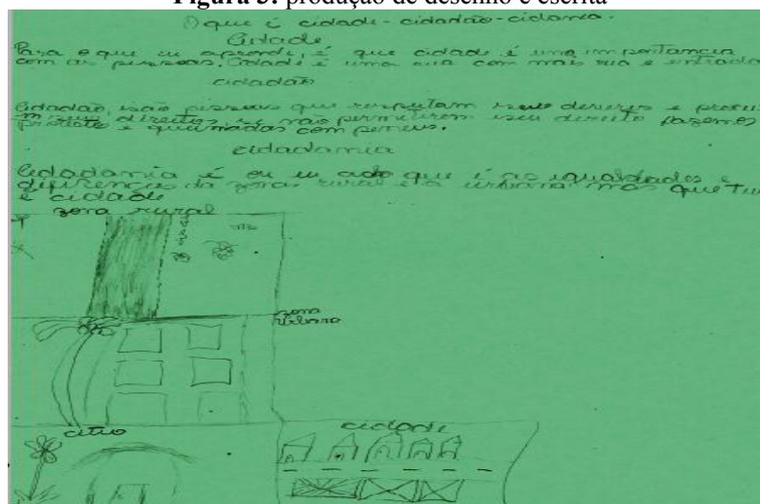
Figura 1: produção de desenho e escrita



Fonte: aluno do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola 1

**Figura 2:** produção de desenho

Fonte: aluno do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola 1

**Figura 3:** produção de desenho e escrita

Fonte: aluno do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola 1

Desenhos e escritas como estes exemplificados acima nos mostram que alguns alunos se utilizaram do que foi falado na apresentação de slides. Na primeira imagem, o (a) estudante se refere à cidade de forma generalizada e parece enxergá-la como um lugar que é dotado de prédios. Na segunda produção, encontra-se tal familiaridade com a cidade de Garanhuns. O excesso de palmeiras na segunda imagem (além do nome na placa que aponta para qual lugar o aluno está se referindo) é uma alusão à cidade local que se destaca pela presença da natureza no espaço urbano. E, por última, a terceira imagem se encarrega de representar a cidade em seus mais diversos espaços de vivência. Na apresentação de slides acompanhada de discussão

coletiva na sala de aula, foi deixado claro o trabalho sobre a zona urbana, porém, não foi deixada de lado a informação de que a cidade vai além do espaço urbano.

São, portanto, três formas de conceber a cidade e as suas dinâmicas sociais. Cada produção, em sua particularidade/subjetividade, oferece-nos conhecimento da concepção que os alunos tinham ao chegarmos lá e a que adquiriram com a nossa intervenção.

Os alunos do 5º ano da escola 1 produziram desenhos e escritas da seguinte forma:

**Figura 4:** produção de desenho

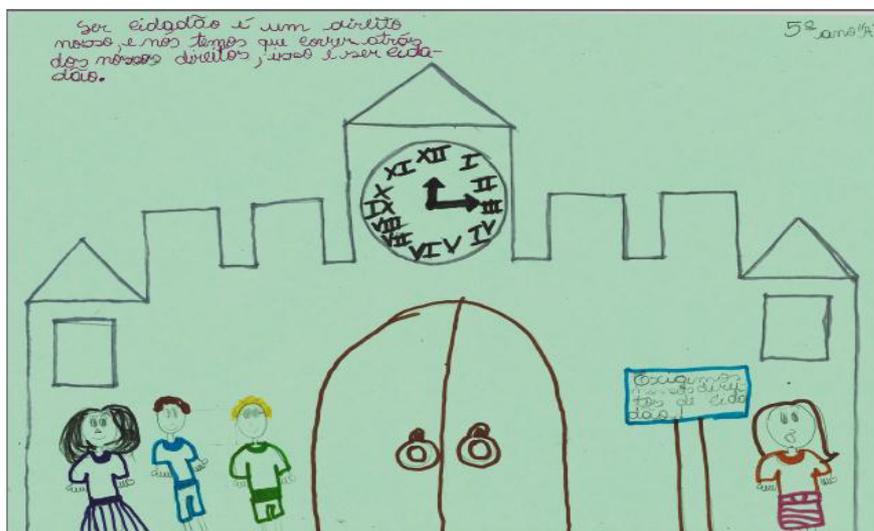


Fonte: aluno do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola 1

**Figura 5:** produção de desenho



Fonte: aluno do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola 1

**Figura 6:** produção de desenho

Fonte: aluno do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola 1

Os alunos do 5º ano da mesma escola representaram a prefeitura da cidade em seus desenhos e enfatizaram os protestos, a luta por direitos como atitudes de cidadania. Demonstraram-se, portanto, como cidadãos que estão conscientes do que vem acontecendo na atualidade, pois cabe lembrar que, no momento da pesquisa, o país constrói sua história política tendo como um de seus acontecimentos protagonistas, os protestos, as reivindicações, a revolta da sociedade brasileira. O discurso sobre a exigência pelos direitos dos cidadãos se instala, portanto, na mídia, na escola e nos lares. Então, ainda nessa perspectiva, mais uma vez ficam evidentes os assuntos mais atuais da cidade nas expressões dos alunos ao ser notado que tais reclamações explícitas nas produções se assemelham ao discurso dos professores que entraram em greve em um curto período do ano e que, nas observações das aulas, ficou-nos evidente tal insistência na lembrança sobre o sentimento de injustiça por parte das docentes.

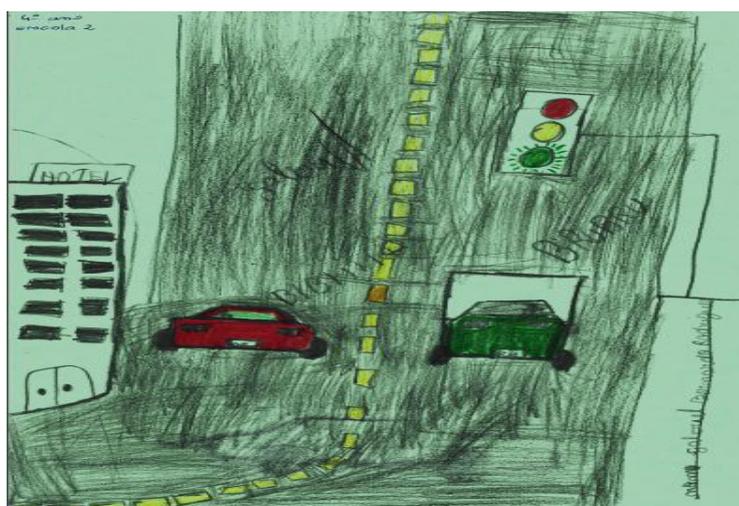
Os alunos do 4º ano da escola 2 produziram desenhos e escritas da seguinte forma:

**Figura 7:** produção de desenho

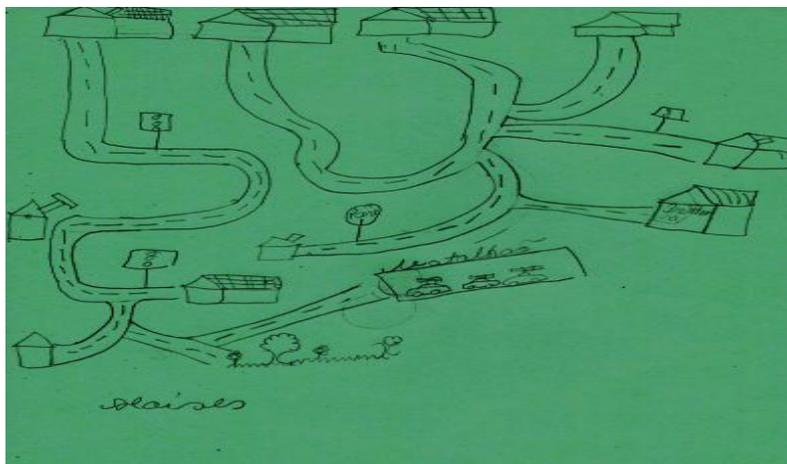


Fonte: aluno do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola 2

**Figura 8:** produção de desenho



Fonte: aluno do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola 2

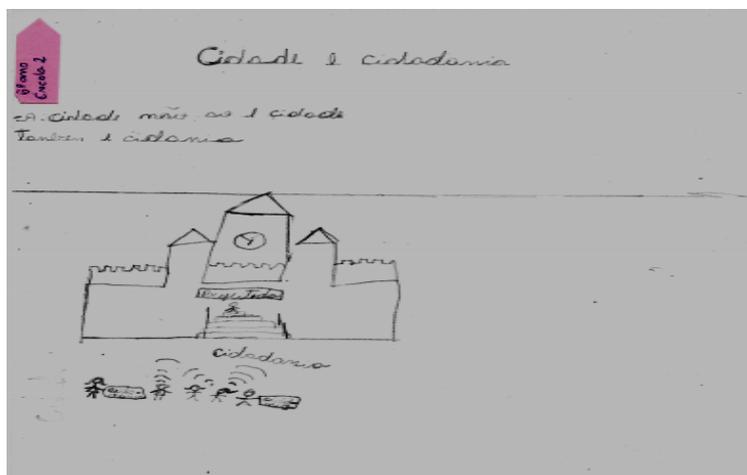
**Figura 9:** produção de desenho

Fonte: aluno do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola 2

Já os alunos dessa turma buscaram ressaltar mais o que seria a cidade expondo a sua principal característica: o trânsito. Dentro dessa ressalva, destacaram também alguns aspectos urbanos como as ruas, as casas, os prédios, as estradas, árvores em meio a tudo isso, automóveis, sinalização de trânsito, causando-nos a interpretação de que a cidade é constante movimento. É curioso e também subjetivo encontrar nesses desenhos o resultado de produções do homem, de uma movimentação que é praticada pela humanidade sem que vejamos uma caricatura humana sequer. É interessante notarmos, também, a maneira de como esses alunos organizaram os objetos espaciais no desenho nos apresentando as suas noções sobre a organização espacial de uma cidade em seu espaço urbano e mostrando os seus mais diversos elementos/características existentes nesse lugar. Esses educandos, portanto, nos fazem interpretar a maneira de como concebem a cidade e o cotidiano em seu dinamismo, em sua forma de se movimentar.

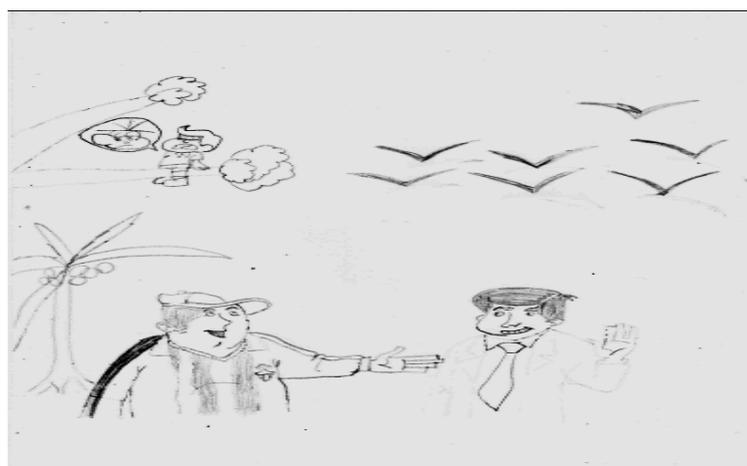
Já os alunos do 5º ano dessa mesma escola, fizeram as suas produções destacando o tema às suas maneiras:

**Figura 10:** produção de desenho e escrita

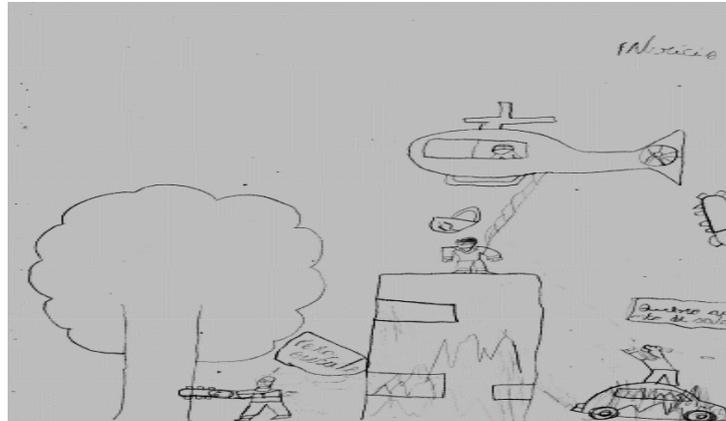


Fonte: aluno do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola 2

**Figura 11:** produção de desenho



Fonte: aluno do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola 2

**Figura 12:** produção de desenho

Fonte: aluno do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola 2

As imagens expressas nessas produções resumem-se em protestos e política e evidenciam a cidade como o centro propício para essas discussões. À medida que expressam o direito de reclamar, de reivindicar, anunciam a cidadania como parte integrante desse processo. Essas produções também destacam os protestos e fazem-nos refletir sobre os discursos das professoras na sala de aula.

A primeira imagem apresenta um protesto em frente à prefeitura da cidade local (Garanhuns) onde cidadãos reclamam pelos seus direitos. Mais uma vez, um aluno representa os manifestos de cidadania e a cidade local nos evidenciando o discurso observado dentro da sala de aula advindo das professoras. Para o segundo desenho, cabe uma possível interpretação com a qual foi observado um cidadão comum conversando com um político e, logo atrás, um outro cidadão não se agradando do que vê. A terceira imagem nos revela o verdadeiro caos social, a cidade tida como espaço de violência e manifestação dos sujeitos nas suas mais diversas formas de agir.

Sobre esta última turma com os 3 desenhos selecionados para serem apresentados, identificamos três formas de conceber o espaço urbano. Enquanto um revela as relações sociais existentes na cidade através do protesto, outro revela estas com a representação de um cidadão consciente de direitos que repreende e recusa atitudes de corrupção; e, o outro as revelam como espaço caótico e de atitudes também desordenadas.

Com vista nesses desenhos que foram selecionados para apresentação, que revelaram discursos observados dentro do ambiente escolar, cabe refletir que é fundamental que essas discussões estejam presentes na escola como um todo, mas é importante que o discurso esteja dotado de propósito, que o discurso sobre as injustiças não seja mero desabafo, mas seja ferramenta metodológica da prática pedagógica, que essa discussão não vire reprodução da parte dos alunos, mas ponto de partida para que reflitam/pensem a sociedade.

Estes são apenas alguns exemplos de desenhos que são capazes de expressar o que houve como maioria em suas respectivas turmas. Através destes, foi possível notar a necessidade de reivindicação de direitos do cidadão, a concepção de cidade como apenas o espaço urbano deixando de lado, assim, outros espaços como a zona rural, as estradas, rodovias, etc. Também foi observado que estes alunos, mesmo não sendo dito para eles em momento algum, de forma explícita, eles compreendem a cidadania, a cidade, o cidadão, como algo totalmente relacionado à política e procuram sempre fazer esse vínculo em seus discursos. É importante perceber que, pelo momento político atual evidenciado em nosso país, estes alunos persistem em enfatizar os seus direitos de cidadania fazendo com que os deveres sejam pouco pronunciados.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os alunos apresentaram uma criticidade em relação à cidade e à cidadania, visto que compreendem em seus espaços e formas de ver o mundo as suas relações sociais e as suas necessidades de cumprir com direitos e deveres estabelecidos à sociedade. Entretanto, a influência da mídia e do discurso das professoras em relação aos protestos que aconteciam naquele ano (2015), também esteve presente na construção de concepções dos alunos. É importante ressaltar que a informação, seja ela advinda da mídia ou das docentes, não se configura como precária ou desnecessária, mas sim que tais conhecimentos devem ser discutidos para que, a partir deles, sejam desenvolvidas reflexões sobre a sociedade e seus fenômenos.

Sobre os vários questionamentos feitos no decorrer desse texto tentando provocar o leitor à reflexão, os alunos em questão apresentam, em alguns momentos, discurso de quem

compreende a segregação espacial presente no espaço urbano, a falta de estrutura e atendimento social em algumas áreas e compreendem que as reclamações e a luta pela igualdade devem permanecer. Portanto, seja esse discurso sendo reproduzido ou não, os alunos parecem estar cientes de uma cidadania que consiste em estar congelada no meio social atual.

A cidade, em seu espaço urbano, se apresentou pelos alunos, como lugar de constante movimento e nas mais variadas perspectivas: espaço de violência, do trabalho, do lazer, da reivindicação de direitos, etc. Portanto, a escola, a sociedade e os discentes devem estar articulados e unidos numa formação que prepare o cidadão para a sua vivência na instância individual ou coletiva.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Glória da Anunciação. Cidade, cotidiano e TV. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2015.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. 35ª ed – Brasília: Câmara dos Deputados, edição Câmara, 2012.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas**. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7167-3-3-geografia-realidade-escolar-lana-souza/file>.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia**. Campinas: CEDES, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a04v2566.pdf>.
- DAMIANI, Amélia Luísa. A geografia e a construção de cidadania. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967, p. 90.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza. Conscientização. In: STRECK, D, R (Coord.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- KATUTA, Ângela Massumi. Representação do espaço vivido, percebido, imaginário e concebido. In: **Boletim de Geografia – IV Colóquio de Cartografia para Escolares e I Fórum Latinoamericano**, 2001.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.

- PEQUENO, Marconi. Sujeito, autonomia e moral. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.
- SANTOS. Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.